

Vivências em grupo com adolescentes na perspectiva da terapia ocupacional e da psicologia

Therapeutic groups with adolescents from the perspective of occupational therapy and psychology

DOI:10.34119/bjhrv4n2-159

Recebimento dos originais: 04/02/2021

Aceitação para publicação: 20/03/2021

Giselle Audrian Martins Bitencourt

Terapeuta Ocupacional

Instituição: Centro Universitário FMABC

Endereço: Avenida Lauro Gomes, 2.000 – Vila Sacadura Cabral, Santo André, SP

E-mail: audrian.giselle@gmail.com

Juliana Araujo de Jesus

Terapeuta Ocupacional

Instituição: Centro Universitário FMABC

Endereço: Avenida Lauro Gomes, 2.000 – Vila Sacadura Cabral, Santo André, SP

E-mail: julianaaraujo5344@gmail.com

Natasha Carolina da Costa Carreño Baeta

Terapeuta Ocupacional

Instituição: Centro Universitário FMABC

Endereço: Avenida Lauro Gomes, 2.000 – Vila Sacadura Cabral, Santo André, SP

E-mail: natashacarreno@gmail.com

Juliana Kessar Cordoni

Doutora em Ciências da Saúde

Instituição: Centro Universitário FMABC

Endereço: Avenida Lauro Gomes, 2.000 – Vila Sacadura Cabral, Santo André, SP

E-mail: julianakc@hotmail.com

Lígia de Fátima Nóbrega Reato

Doutora em Medicina

Instituição: Centro Universitário FMABC

Endereço: Avenida Lauro Gomes, 2.000 – Vila Sacadura Cabral, Santo André, SP

E-mail: ligiareato@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho focaliza na dinâmica do adolescente e suas respectivas fases, que se caracterizam por grandes conflitos. Por essa razão, alguns adolescentes podem apresentar transtornos comportamentais e psicológicos, interferindo de forma direta nas suas atividades de vida diária e lazer. Devido aos questionamentos da adolescência a promoção

de vivências em grupo, possibilita a projeção de conflitos interno-externos através de atividades, com o enaltecimento da criatividade, imaginação e expressão do adolescente, além da consolidação da autoestima. A pesquisa teve como objetivo compreender como a terapia ocupacional e a psicologia podem contribuir através de oficinas e grupos terapêuticos na promoção da saúde e mudanças no comportamento e no discurso dos jovens, com o impacto da coletividade. Foram realizados oito vivências em grupo que tiveram como base os temas de culinária, esporte, artes e autoimagem. Trata-se de uma pesquisa multi-método, isto é, integrando os dados quantitativos e qualitativos, no qual foi realizada a análise de conteúdo, baseado em questionário semiestruturados e o diário de campo. A amostra deste estudo foi constituída por 19 adolescentes, de 10 a 18 anos, em encontros que aconteceram semanalmente com duração de uma hora cada grupo. O estudo foi realizado no Centro de Referência Cidadão Esperança / Instituto de Hebiatria do Centro Universitário Saúde do ABC, na cidade de Santo André no estado de São Paulo. Os resultados do estudo serão apresentados através de uma série: “Os conflitos emocionais da adolescência” com uma sequência de episódios. Conclui-se que de acordo com as características inerentes da adolescência, as vivências em grupo, foram uma forma de potencializar e estruturar o cotidiano e a rotina dos jovens, proporcionando trocas e experiências que colaborando com a empatia e colaboratividade dentro dos encontros.

Palavras-chave: terapia ocupacional, grupo terapêutico, oficinas, adolescentes, cotidiano.

ABSTRACT

This work is focused on adolescents and their phases, which are characterized by major conflicts. For this reason, some adolescents may present behavioral and psychological disorders, directly interfering with activities of daily living and leisure. Accepting questionnaires from adolescents promoting groups and therapies, enabling the projection of internal-external conflicts through activities, with the improvement of adolescent creativity, imagination and expression, as well as automatic evaluation. A research aimed to understand how occupational therapy can contribute through workshops and therapeutic groups in health promotion and change in behavior and discourse of young people, with impact on the community. Four workshops were held based on the themes of cooking, sports, arts and self-image. It is a multi-method research, that is, integration of quantitative and qualitative data, without a content analysis, based on a semi-structured questionnaire and field diary. A sample of this study was conducted by 19 adolescents, aged 10 to 18, in weekly meetings lasting one hour each group. The study was conducted at the Hope Citizenship Reference Center / Institute of Hebiatry of the ABC University Health Center in the city of Santo André in the state of São Paulo. The study results will be presented through a series: “The Emotional Conflicts of Adolescence” with a screening sequence. Conclude that according to resources inherent to adolescence, groups and workshops were formed and strengthened and structured or daily and routine of young people, trials and exchanges and experiences that collaborate with empathy and collaboration within relationships.

Keywords: occupational therapy, therapeutic group, workshops, adolescents,

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é estabelecida como uma fase biopsicossocial que abrange a segunda década da vida, isto é, dos 10 aos 20 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Entende-se que a fase da adolescência é subdividida em alguns critérios, sendo eles cronológicos, de desenvolvimento físico, sociológico e psicológico (CRESPIN, p.10,2007). Essa fase se inicia diante das alterações corporais da puberdade e finaliza com a inserção social, profissional e econômica na fase adulta (FERREIRA, FARIAS, 2010). Esse período é caracterizado por mudanças e transições, que atinge as questões físicas, sexuais, cognitivas e emocionais. Sendo compreendida como a fase da reestruturação emocional, de agitação e instabilidade, determinada pela passagem biopsíquica que o adolescente está destinado. Trata-se de um período atribuído a termos como fase de tempestade, estresse, adolescentes conflituosos e conturbados, apesar de que, atualmente esta ideia, esteja um tanto exagerada (ASSIS, et al 2003). Ser adolescente é um momento ansiado e receoso, marcado por conflitos, dúvidas, inquietações e descobertas. Essa é a fase em que o adolescente sai em busca da sua identidade, percorrendo um período atribulado, em que o jovem nasce na família para entrar na sociedade, ou seja, é o momento em que busca trilhar seu próprio caminho, tendo assim, a ruptura parental e a necessidade de se encaixar em grupos de pessoas que ocasione uma identificação (AZEVEDO, p. 86, 87,2007). A tendência natural dos adolescentes, é de se agrupar, uma vez que buscam por sua identidade, sendo assim, eles reagem positivamente a um enquadre grupal do que uma situação individual na qual os sentimentos de transferência, estão mais centralizados, sendo sentidos de forma mais ameaçadora (ZIMERMAN, p. 213,2010).

Durante esse período surgem questões baseadas na necessidade do adolescente em intelectualizar, na busca de autonomia que desencadeia questionamentos internos, e que favorece o adolescente a construção da sua identidade adulta. O enquadre grupal, auxilia essa estruturação, uma vez que as alterações físicas, psíquicas e sociais são comuns a todos (AZEVEDO, p.88,2007 e ZIMERMAN, p.214,2010).

De acordo com Azevedo e Mello (2009):

O grupo pode ainda ser utilizado como lugar de externalização dos sentimentos, emoções, angústias e expectativas, atenuando a onipotência e compartilhando dúvidas e enfrentamentos. Na leitura psicanalítica, é possível afirmar que o grupo tem a função de depositário. (Azevedo e Mello, 2019 p.5)

Devido todas as modificações que ocorrem, o adolescente se vê forçado a assistir e sofrer passivamente uma série de transformações. Desejando ou não, o adolescente não tem outra alternativa, senão a de habitar um novo corpo e uma nova mente. Contudo, podemos associar a interligação entre a mente e o corpo, sob a ação das emoções com o surgimento de sintomas ou doenças aparentemente orgânicas, ou mesmo doenças com alterações anatômicas e funcionais (SOUZA, p.294 e 295,2007). Com os questionamentos da adolescência, as vivências em grupo, possibilita a projeção de conflitos interno-externos através de atividades, com o enaltecimento da criatividade, imaginação e expressão do paciente, além da consolidação da autoestima e autoconfiança, a mistura de saberes e a expressão da subjetividade de cada um que está presente.

Para Ballarin (2003), um grupo de atividades em Terapia Ocupacional é definido como um espaço onde os pacientes se reúnem na presença do terapeuta ocupacional para vivenciar experiências relacionadas ao fazer, como por exemplo: pintar, passear, desenhar, modelar, dançar, fazer compras, costurar, entre outras. Libermann (2000), através de pesquisa feita com terapeutas ocupacionais que utilizavam a abordagem grupal, aponta alguns objetivos dos grupos terapêuticos, como: criatividade e espontaneidade, construção da autoconfiança, percepção do seu próprio potencial, aumento de autonomia e motivação pessoal, desenvolvimento individual, liberdade para tomar decisões, expressão de sentimentos, emoções e conflitos, trabalhar com a imaginação e o inconsciente, reflexão, relaxamento. A prática da terapia ocupacional com adolescentes, busca, dependendo da demanda, trabalhar os aspectos motores, cognitivos, do neurodesenvolvimento, não deixando a parte as questões sociais e familiares do mesmo (FERREIRA et al, 2017).

Desde o nascimento o indivíduo participa de vários grupos, em constante dialética entre a busca da identidade individual e a necessidade de identidade grupal e social (BASTOS, 2010). A partir deste conceito entende-se que o grupo traz experimentações que contribuem para que consigamos viver e nos relacionar na sociedade. A terapia ocupacional possui um olhar diferenciado de como lidamos e potencializamos essa relação, dentro dos papéis e situações em casa, na comunidade e entre outros contextos.

A pesquisa teve como objetivo compreender como a terapia ocupacional e a psicologia podem contribuir através de vivências em grupo a promoção da saúde e mudanças no comportamento e discurso dos jovens, com o impacto da coletividade.

2 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa multi-método auxiliando a exploração da realidade e o entendimento de fenômenos sociais permitindo que as perspectivas teóricas sejam testadas e/ou analisadas na prática (MASSUKADO, p.8, 2008) isto é, integrando os dados quantitativos e qualitativos, no qual foi realizada a análise de conteúdo, baseado em questionário semiestruturados. O estudo foi realizado no Centro de Referência Cidadão Esperança / Instituto de Hebiatria do Centro Universitário Saúde ABC (IHFMABC), na cidade de Santo André no estado de São Paulo. Os atendimentos do local são de caráter multiprofissional composto por médicos, psicólogos, nutricionistas, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e assistente social, que contribuem com olhar direcionado para suas especificidades. A amostra deste estudo foi constituída por 19 adolescentes, de 10 a 18 anos, em encontros que aconteceram semanalmente com duração de duas horas cada grupo.

Obedecendo à Resolução no. 466/12 do Ministério da Saúde, este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário Saúde ABC, filiado ao Conselho Nacional de Pesquisa com Seres Humanos (CONEP), através da Ficha de Rosto para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (modelo-padrão do CONEP). Aprovado em 24 de abril de 2019 pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Medicina do ABC sob o CAAE Nº 11974919.8.0000.008

Instrumento e descrição da coleta e análise de dados

Previamente foi esclarecida a pesquisa e seu objetivo com a leitura do TCLE e TALE aos participantes, em seguida foram aplicados dois questionários aos adolescentes, sendo o primeiro no início do grupo, composto por sete questões no período de maio de 2019 e o outro no final do grupo terapêutico, composto por seis questões, em outubro de 2019.

Foram observadas e registradas através do diário de campo relatos dos adolescentes e as percepções das pesquisadoras durante as vivências em grupo. Os resultados foram realizados na perspectiva de multianálise, sendo os dados discutidos e analisados quantitativamente e qualitativamente. Os dados quantitativos foram dispostos e apresentados através de gráficos, logo após, os dados qualitativos foram representados de forma transcrita registradas no diário de campo.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo serão apresentados através de uma série: “Os conflitos emocionais da adolescência” com episódios intitulados: “De traço em traço me autorretrato”; “Transbordando sentimentos”; “É angustiante pensar”; “Ser ou não ser”; “Idas e Vindas”; “Realidade Virtual”; “Bolinha x Luluzinha”; “Do mundo virtual a vida prática” e “Apressado come cru”. Os nomes dos participantes apresentados no decorrer destes resultados são fictícios, preservando suas identidades.

Após aplicação do primeiro questionário obteve-se os seguintes resultados: dos 19 adolescentes, 47% já haviam participado de grupos no Instituto de Hebiatria, apenas 31% dos adolescentes já participaram de vivências em grupo com a Terapia Ocupacional e a Psicologia no Instituto de Hebiatria e 52% já participaram de grupos fora do Instituto de Hebiatria.



Resultados obtidos através do questionário inicial:
Fonte: elaborada pelas autoras a partir dos dados da pesquisa

Apos aplicação do questionário inicial foi possível perceber que atividade os adolescentes manifestavam interesse, sendo eles:

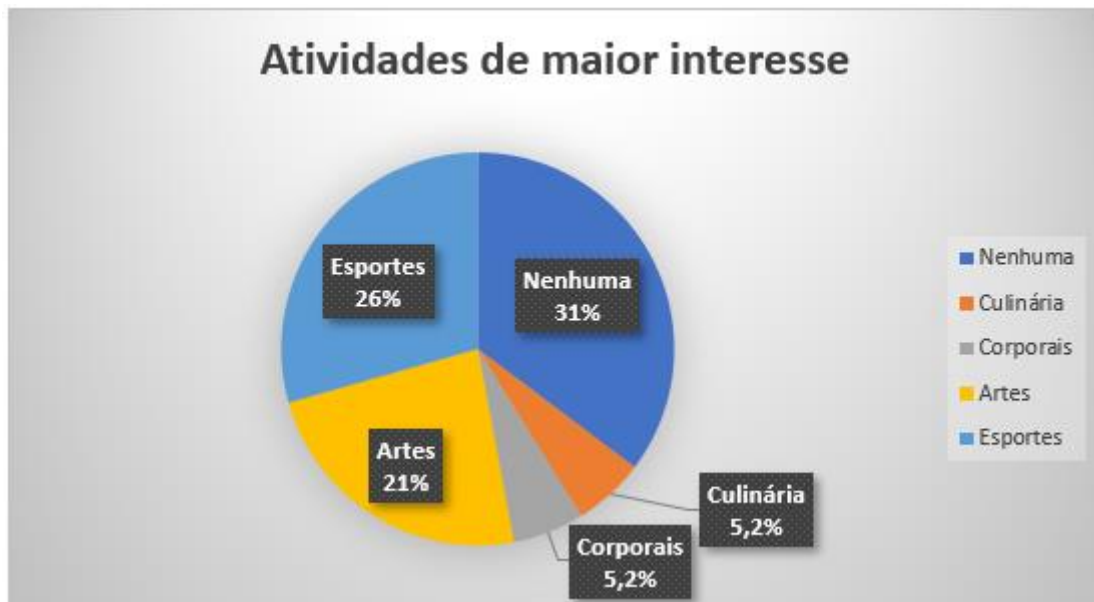


Figura II – Resposta dos adolescentes na questão 4 do questionário inicial, 2019.
Fonte: elaborada pelas autoras a partir dos dados da pesquisa.

Observa-se através dos gráficos que as atividades de maior interesse, com 26%, consiste nos esportes e artes com 21%, que abordam temas variados como futebol, handbol, bicicleta, corridas, brincadeiras, danças, ouvir músicas e assistir filmes; observa-se também que a maioria dos adolescentes, com 31%, não possuem interesse por nenhuma atividade. A escola, por se tratar de um local de maior convívio dos adolescentes, que proporciona a oportunidade dessa construção de identidade, reconhecimento de si mesmo e suas potencialidades, favorece a preferência pelas atividades em grupo, promovendo ações e competições dentro desse ambiente, uma vez que eles precisam desse ambiente para se desenvolver socialmente. (SILVA, MELLO, CARLOS, p.289, 2010). Assim, verifica-se que a preferência da maioria são atividades esportivas, pelo fato de estarem juntos, tendo o suporte e apoio dos componentes desse grupo que se formou por afinidade. Por outro lado, tem os adolescentes que não optaram por nenhuma atividade, deixando apenas a questão sem resposta ou dizendo não ter interesse por nenhuma atividade. Augusto e Chacon (p.3, 2011), esclarecem que a superproteção é caracterizada pelo cuidado em excesso dos pais com seus filhos, não tendo uma causa específica, podendo ser por alguma deficiência ou por medo do mundo e a violência que se vive atualmente. A superproteção pode causar uma dificuldade no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, uma vez que o cuidado excessivo faz com que a estimulação para resolução de problemas, não desenvolvendo sua autonomia, tomadas de decisões e/ou iniciativas do adolescente, desenvolvendo sentimentos do tipo “não consigo, não posso, não sei”, esperando com que alguém resolva/decida por ele, resultando em características como

baixa autoestima, timidez e insegurança, podendo o adolescente desenvolver ou não algum distúrbio comportamental (ALMEIDA et al, p.4,5, 2016).

No Instituto de Hebiatria (IFMABC) foi trabalhado com o conceito de grupo aberto, no qual os adolescentes puderam conhecer a dinâmica de vários integrantes e os permitir lidar e respeitar o novo e com o outro. Fazendo esse resgate através da história compartilhada, no qual automaticamente encontram-se acolhimento e reflexões que ajudam a ver e lidar com a situação de forma diferente.

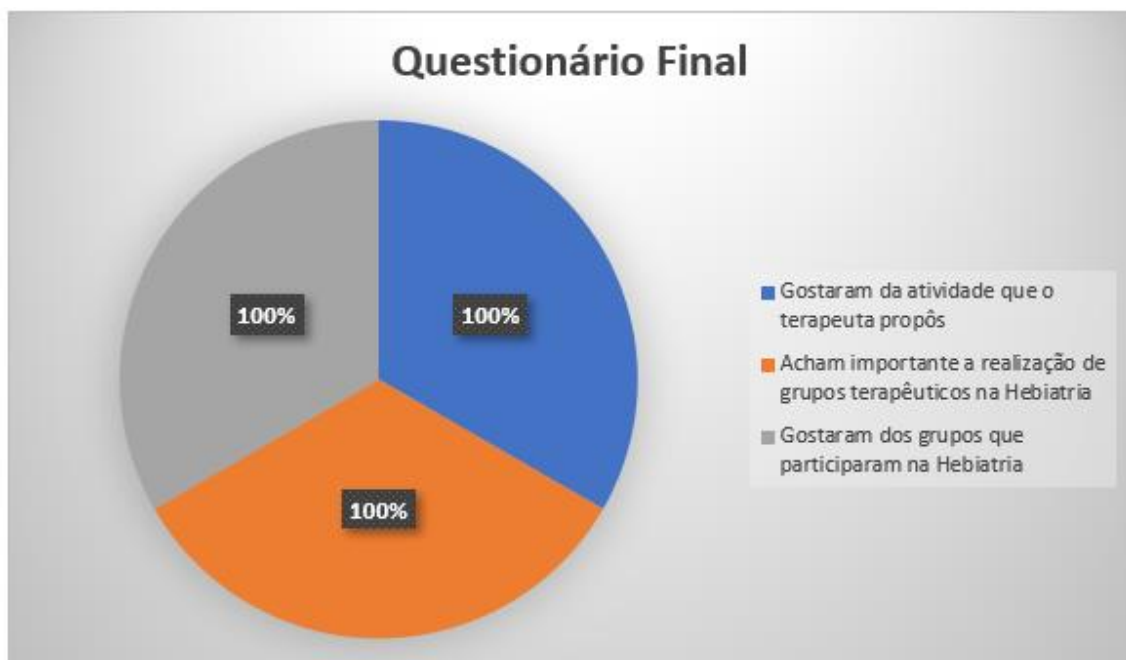


Figura III – Resultados obtidos através do questionário final
Fonte: elaborada pelas autoras a partir dos dados da pesquisa.

De acordo com a tabela entende-se que 100% dos adolescentes gostaram das atividades propostas pela Terapia Ocupacional e Psicologia, reconhecendo sua influência na melhora de seu desempenho ocupacional.

3.1 SÉRIE: OS CONFLITOS EMOCIONAIS DA ADOLESCÊNCIA

Os adolescentes se constroem através da coletividade e por essa razão que as vivências em grupo são um dos recursos mais utilizados pelos profissionais da área da saúde, pois através dela o terapeuta constrói atividades que perpassam o cotidiano e rotina de todos, potencializando transferências mútuas coletivas e construções individuais, ou seja, criando laços consigo mesmo e compartilhando experiências (MONTREZOR, p.530, 2013). Por intermédio do convívio entre os participantes que surgem os debates acerca das práticas do cuidado, e são nesses grupos que encontram resolução dos

problemas coletivos acontecem, buscando alternativas e apoio emocional para sua superação (CARDOSO; SEMINOTTI, 2006).

3.1.1 Episódio 1: De traço em traço me autorretrato

Foi realizada uma atividade para que os adolescentes pudessem perceber de forma lúdica, tendo o desenho como um facilitador para expressão dos sentimentos, podendo assim, se perceber, se expressar e verbalizar sobre si mesmo, contribuindo para uma melhor integração grupal, mostrando seus sentimentos através da sua produção. Notou-se o desenho de Pablo Picasso, chamando nossa atenção. Picasso desenhou um homem sentado em uma cadeira, com os braços apoiados nas pernas, um rosto sem expressão alguma, sem cores e sem outras pessoas no desenho, apenas o homem sem emoções (Imagem I).

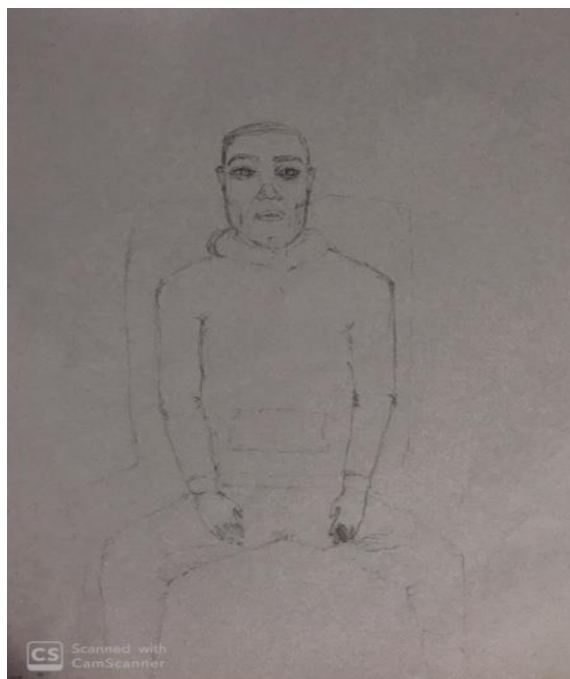


Imagem I – Produção de Picasso, 2019.

Segundo Souza (2011), acerca de visão de produção de imagens:

A produção de imagens é uma forma de comunicação de afetos que, a partir daquele que a produz, estimula aquele que as observa a entrar em contato com elas, como uma espécie de linguagem.

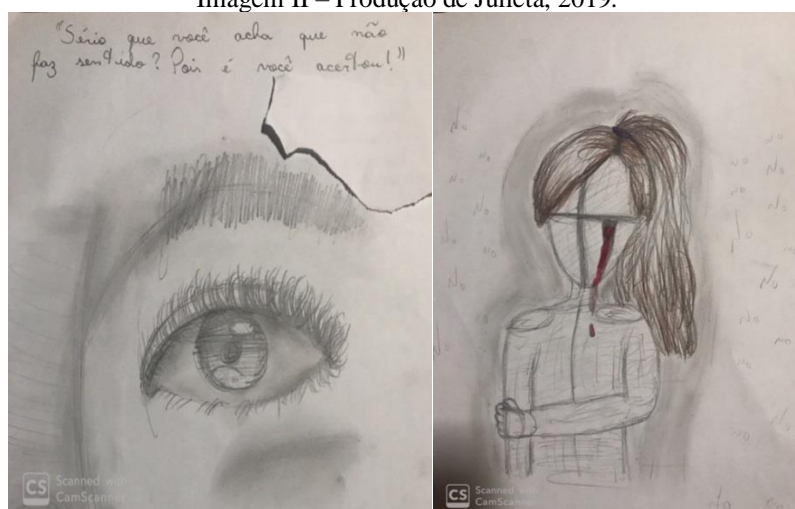
Ao observar o desenho de Picasso, percebeu-se que ele desenhou a si mesmo, pois durante todo o grupo, ele se manteve sentado, com os braços apoiados nas pernas e introspectivo. Sendo assim, ao se desenhar transpôs o sentimento que estava tendo para o papel, trazendo a sua imagem absorta, evidenciando o quanto estava concentrado em si e

no que sua imagem representava para ele naquele momento. Evidencia-se que por meio das atividades pode-se tratar, educar, alterar o ambiente e incluir pessoas num sistema que permita integrações e interações, permitindo com que se obtenha transformações por entre afetos (BENETTON, p. 29, 2008). Entendendo o quanto o desenho é uma representação do afeto, verifica-se que Picasso, apresentou melancolia, representando de forma lúdica e subjetiva o quanto precisava quem olhasse para ele, marcando uma das necessidades da adolescência, exatamente pelos enfrentamentos de conflitos internos e construção de uma identidade.

3.1.2 Episódio 2: Transbordando sentimentos

Foi solicitado aos adolescentes que fechassem os olhos e entrassem em contato com seus sentimentos, pensando sobre os acontecimentos da última semana. Foi entregue uma folha sulfite, para que depois desse contato, pudessem expressar seus sentimentos. A partir dessa reflexão experimentada, Julieta trouxe para o grupo: *“Briguei com a minha melhor amiga da escola, sem ela eu não sou ninguém. Preciso da minha amiga, sem ela eu não sou ninguém na escola” (diário de campo)*. Ela relata ter sido uma situação tão angustiante, que só conseguia chorar até que se viu sentada, em cima do telhado de casa, elaborando uma saída, sendo seu primeiro pensamento, se jogar e acabar com o sofrimento, foi então que resolveu conversar com o padre na igreja, acabando por encontrar a amiga no local e se reconciliando entre lágrimas, abraços e pedidos de desculpas.

Imagem II – Produção de Julieta, 2019.



Após o relato de Julieta, as terapeutas pontuaram a importância de manter as suas redes de suporte ativas, para ter alternativas de ajuda quando não souber elaborar suas emoções. As redes de suporte são recursos indispensáveis no cuidado à saúde, implicando na construção de laços sociais e relações de apoio entre pessoas e grupos (COSTA et al, p.702, 2015).

Conforme Barbieri et al (p.3219, 2016):

Amizades permeadas pela reciprocidade demonstram ser fator de proteção quando há o confronto com dificuldades e em casos em que há desestruturação familiar. Essas relações servem como amortecedor de sentimentos ruins que possam prevalecer com a condição crônica e com a falta de apoio familiar.

A amizade entre os adolescentes, principalmente no âmbito escolar, tornam-se ainda mais significativas por elaborar uma saída dos problemas existentes dentro do contexto familiar, tornando-se excessivamente dolorosa a perda e/ou a quebra dessa relação que mesmo havendo conflitos e divergências de opiniões é de extrema importância. Devido as características inerentes desta fase, momentos de rupturas, subjetividade infantil e a referência do âmbito familiar, o adolescente possui uma necessidade de um enquadro grupal, buscando os amigos para fortalecê-los nessa busca de identificação e refúgio de sua vulnerabilidade.

3.1.3 Episódio 3: É angustiante pensar

As práticas terapêuticas funcionam como um catalisador das emoções, elaborando de forma singular o que cada sentimento quer dizer. Potencializando o manejo terapêutico para obtenção de resultados. O adolescente expressa sua angústia e percebe o seu corpo da maneira como pensa. Anita Malfatti trouxe para o grupo a perda do avô e como essa situação interferiu de forma direta em seu cotidiano. “*Eu gosto de fazer meus desenhos e quando termino eu os rasgos ,isso me acalma*” (diário de campo). Intervimos pontuando necessidade dela se posicionar e observar em si o motivo de precisar estar sempre no controle. As atividades, enquanto instrumento, têm diversos objetivos, dentre eles: a observação, a informação, a análise, a educação, o tratamento, a composição de histórias e a inserção social. Para isso, as atividades são vindas e significadas na relação triádica ¹ (MORAES, p. 31, 2008).

Esses sentimentos são elaborados, através de construções singulares, potencializando o adolescente o sentido de “pertencer” há algo, já que ele ainda não sabe

¹ Relação entre terapeuta x paciente x atividade.

elaborar seus sentimentos de forma clara. As atividades propiciam com que ele trabalhe essa angústia e como se sente, de uma forma mais leve e lúdica, fazendo com que ele tenha percepção do que experimenta e como experimenta.

3.1.4 Episódio 4: Ser ou não ser...

O setting terapêutico estava disposto em roda, ao entrarem se sentaram nas cadeiras, conforme já se conheciam. Ao iniciarmos o grupo Julieta, relatou: “*Esta semana está horrível, terminei meu namoro e minha família não tem nada haver comigo, eu não gosto deles*” (*diário de campo*). Foi realizada intervenção pontuando alternativas para diminuir o estresse ,como técnicas meditativas de respiração e atividades de lazer, com objetivo de evitar a transferência de sentimentos a pessoas inerentes a situação.



Fotografia I - Sala de Grupo

A adolescência compartilha desse sentimento melancólico, em que tudo é intenso demais e por essa razão a meditação foi pontuada, pois se aprende a ter percepção do corpo e da mente, induzindo uma melhor compreensão dos sentimentos e de como lidar com ele de forma mais leve e integrativa, principalmente a entender e a lidar com as diferenças que são inerentes do ser humano. O período da adolescência é marcado por diversos fatores, mas, sem dúvida, o mais importante é a tomada de consciência de um novo espaço no mundo, a entrada em uma nova realidade que produz confusão de conceitos e perda de certas referências como a dos pais, por exemplo, pois percebem que ele também tem lugar no mundo e assim começam a se afinar em grupos respectivos às suas idealizações, em busca desse espaço. A busca de grupos que se identifique com seu

perfil é o que caracteriza a formação dos grupos de adolescentes, que se tornarão lugar de livre expressão e de reestruturação da personalidade, ainda que essa fique por algum tempo sendo coletiva (LEPRE, p.4, 2003). Desta forma os pais devem contribuir com o desenvolvimento intelectual, moral, físico e adaptação da sociabilização de seus filhos, ou seja, educar é compreender tanto o processo de transmissão de conhecimentos, hábitos e valores, como também criar condições para que o adolescente experiencie o mundo (SPINELLI, 2019).

A perspectiva do adolescente já é completamente diferente daquela que a sociedade impõe, por essa razão é caracterizada por uma “fase aborrecente”, pois o jovem quer experienciar o oposto do que os pais tentam mostrar se tornando uma cobrança excessiva no olhar dele (BRÊTAS, et al, p. 405, 2008). Compreende-se que devido a falta de disponibilidade interna dos pais, ocorre à predisposição a olhar mais para o racional, não respeitando o tempo dos afetos, emoções e vivências interiores que na maioria das vezes são colocadas de lado, por essa razão que há alteração na dinâmica familiar, diante disso o suporte e as conversas são importantes para que o adolescente se sinta pertencente a algo e não tão perdido neste momento de transição.

3.1.5 Episódio 5: Idas e Vindas

A separação parental pode ser um fator alarmante, pois dependendo da criação e dos tipos de vínculos estabelecidos, pode-se afetar de forma direta no adolescente. Tudo irá depender de como era a relação de pais e filhos antes da separação e como será essa relação depois, principalmente se houver atrito entre os pais. Os adolescentes percebem muitas vezes o divórcio como uma boa solução para a família, mas, por outro lado, alguns relatam sentir solidão, isolamento ou incapacidade de buscar fontes de apoio (HACK, p.86, 2010).

Foi realizada uma conversa sobre afeto, vínculo e família. Havia novos integrantes no grupo, sendo o discurso de Alice o mais pesaroso ao dizer: “*Meus pais são separados, eles não me dão atenção, eu me sinto sozinha, as pessoas sempre vão embora, não gosto de ir para casa de um depois de outro, isso me cansa e não me sinto conectada com ninguém.*” A adolescente foi esclarecida sobre as possíveis transições das relações, que estão suscetíveis a ocorrer rupturas, fazendo parte do crescimento pessoal; não significando necessariamente que essa ruptura irá interferir no relacionamento da adolescente com seus pais.

Junior (p.6, 2013), refere afetividade:

A importância da afetividade no desenvolvimento humano baseia-se na afirmação que o ser humano desde o seu nascimento é envolvido pela afetividade e que o afeto desempenha um papel fundamental em seu desenvolvimento e no estabelecimento de boas relações sociais. O movimento é a base do pensamento e das emoções que dão origem a afetividade, sendo ela fundamental na construção do sujeito.

Os pais ocupam um papel importante nessa construção de saberes, por essa razão a comunicação deve ser tão incentivada para que o adolescente tenha consciência e segurança dos aprendizados que irão percorrer em sua trajetória (ALMEIDA, p.51, 2012). Em outro momento, Anita Malfiti diz não conseguir falar sobre seus sentimentos, que seria mais fácil escrevê-los, trazendo a seguinte frase: *“Tem um misto de tudo e nada dentro de mim. Eu sinto coisas boas e as únicas coisas ruins são em relação ao passado, a morte do meu avô e a minha escola. De resto está tudo bem, mas às vezes eu vejo o meu avô e começo a me debater, a me arranhar, a me machucar, é como se aquilo que eu vejo me incentivasse a fazer isto. Sei lá, meu pior desafio é minha mente”*(diário de campo). Após a fala de Anita, sobre o seu texto e os seus sentimentos, ela trouxe para o grupo o discurso: *“Estou preocupada com a minha avó, minha tia, minha irmã e meu sobrinho e sinto o vazio dentro de mim sem meu avô.”*No relato de Anita, percebe-se o quanto a adolescente se sobrecarrega, se posicionando no papel de responsável por todos, após a perda do avô, desencadeando um cuidado com todos a sua volta exceto com ela. O luto na adolescência desencadeia um fator de risco para a saúde mental. O adolescente encontra-se na busca da construção de sua identidade adulta e se percebe sem suporte, diante dessas situações que são iminentes a vida, elaborando comportamentos de acordo com o seu meio (MOTA, p.13, 2008), entende-se que Anita se posiciona como responsável pelos cuidados da família, e, pela falta de maturidade emocional, acaba desenvolvendo o movimento da autolesão deliberada.

3.1.6 Episódio 6: Realidade Virtual

As atividades que potencializam a ação da Terapia Ocupacional e da Psicologia são diversas, se tratando de jovens e de grupo, a gameoterapia é um recurso pertinente como proposta terapêutica e bastante utilizado atualmente. Visto que possibilitam ao indivíduo visualizar ambientes virtuais, manipular os elementos existentes no cenário e movimentar-se dentro do espaço. Os cenários são totalmente gerados por computador e, pelo fato de transportarem os elementos virtuais ao mundo real, viabilizam oportunidades de interações singulares (CORRÊA, 2011). A gameoterapia é um recurso terapêutico que tem como finalidade interpor em aspectos motivacionais, compreensão, elaboração de

emoções, ansiedade, colaboratividade em grupo, atividades ocupacionais, questões comportamentais (frustração, regras, competitividade), entre outras dependendo da proposta terapêutica (COSTA; CARVALHO, 2005).

Segundo Almeida et al (p.92, 2002):

A facilitação do desempenho funcional é um ponto importante na intervenção, e sua avaliação será realizada, mas esta não se constitui um fim em si mesmo. A melhoria do desempenho funcional ou o uso de tecnologia de ajuda são meios a se utilizar para facilitar processos reais – e não só projetados – de participação social.

As vivências em grupo permitem que o adolescente consiga estimular suas funções cognitivas e motoras de forma lúdica e dinâmica, favorecendo e estimulando suas habilidades e sociabilização, propiciando assim, acesso ao paciente para que possam ser analisadas suas necessidades ocupacionais. Foi utilizado o jogo WI, no qual detecta movimentos corporais para que o adolescente consiga ter maior interação com o dispositivo. Decorreram três grupos em dias alternados, por essa razão foram divididos em grupo um e grupo dois, no qual os adolescentes escolhiam jogos de sua preferência, e em alguns momentos eles foram divididos em grupos e/ou duplas. As atividades foram realizadas no auditório do Instituto de Hebiatria, que contribuiu com um ambiente arejado e amplo. Logo depois, Mário, enfatizou para outro colega: “*Não é desse jeito, você é muito ruim*” (*diário de campo*). Percebendo isso a terapeuta, logo se dispôs a jogar com ele, pontuando que há maneiras de conversar com o colega. Feita esta intervenção, o adolescente controlou melhor seus impulsos, mesmo que com um pouco de resistência. As intervenções pontuadas foram extremamente pertinentes, devido a grande ansiedade do grupo, no qual foram atendidas devido ao vínculo terapêutico construído. A relação terapêutica constrói-se através da troca e do diálogo entre as partes envolvidas, ou seja, é um processo que necessita de elementos primordiais, entre eles saber escutar. A escuta terapêutica é mais do que saber falar, sendo assim o grande segredo da comunicação terapeuta paciente. Um terapeuta ocupacional atento e interessado cativa o indivíduo, na medida em que lhe dá a importância que deseja (DEGNEN, TICKLE, 2005). Esta relação é normalmente uma parceria entre o profissional e o adolescente, no qual é desenvolvida aos poucos, de acordo com a exploração conjunta de algum problema que esteja afetando a sua vida. Para que essa interação aconteça são necessárias a colaboratividade de ambas as partes, evidenciando a importância das abordagens terapêuticas, tanto nos atendimentos individuais como nos grupos.

Segundo Oliveira (p.4, 2013):

A construção de uma relação terapêutica só se concretizará, se o profissional de saúde e o indivíduo interagirem, permitindo uma troca de conhecimento. Esta troca gera convergências, fortalece laços e o processo terapêutico avança. Nesse relacionamento, ambos aprendem e crescem.

Por essa razão a criação do vínculo terapêutico é tão importante no processo, pois ele propicia uma melhor relação e construção com o adolescente, favorecendo seu acompanhamento terapêutico. Assim, um grupo de qualidade é aquele cujo espaço possibilita aos participantes sentirem algum nível de confiança e que sustente a possibilidade de experimentarem, favorecendo a experiência de todos os envolvidos.

3.1.7 Episódio 7: Realidade Virtual - Bolinha x Luluzinha

Os adolescentes foram divididos em dois grupos meninos contra meninas, conforme escolha dos participantes. O intuito da atividade foi de aplicar a colaboratividade, interação social entre eles, promovendo uma competição, trabalhando limiar de frustração.

Apresentaram-se eufóricos por conta dessa separação, procurando chamar mais atenção do que o habitual. Em um determinado momento foi sinalizado pela terapeuta que os adolescentes incentivassem os colegas através de palavras motivacionais que encorajassem o colega do time. Foi quando um dos adolescentes verbalizou: “*o incentivo aqui é medo.*” A ação do terapeuta nestes momentos mais difíceis deve funcionar de forma leve e estratégica para que não se perca o foco terapêutico (Lopes, Leão, 2002). A adolescente foi sinalizada que não é através do medo que obtem-se algo e sim da forma como se porta diante de uma situação. Sendo assim, atingem-se maiores ganhos quando se comunica por meio do respeito do que das ofensas e que isso não é sinônimo de fraqueza. Percebendo a situação do outro, o olhar se torna diferenciado para todas as situações que perpassam, ou seja, refletindo que a empatia transita o tempo inteiro, diante da construção moral e futura do ser humano, pois ela faz parte do nosso convívio social (JUSTO, p.512, 2014). Desta forma, entende-se a importância da comunicação naquele momento para os adolescentes e entre os adolescentes, não precisando reagir de forma agressiva quando colocada diante de uma situação nova. O intuito do grupo é trazer essa reflexão, diante de situações adversas que vão ocorrendo durante todo o processo terapêutico. Muitos adolescentes se ajudaram entre si e colaboraram com seus respectivos grupos, criando estratégias durante o jogo.

3.1.8 Episódio 8: Do mundo virtual a vida prática

Foi utilizado o laboratório de nutrição, ao adentrarem o ambiente, eles foram informados quanto às regras do laboratório. Cada bancada tinha um sabor de pizza específico e as tarefas a serem realizadas. Eles foram divididos em duplas, ficando responsáveis pelas pizzas em questão. As duplas Helton Oliveira e Fabio Nunes montaram a pizza de calabresa e a dupla Henrique Fogaça e Erick Jacquin montaram a pizza de frango com milho. No momento da montagem das pizzas, o Fernando Cavinato, que estava do outro lado da mesa, pegou nas mãos o rolo de cortar pizza, passando a lâmina na ponta do dedo. Foi enfatizado para o adolescente não fazer mais, caso contrário, se cortaria. Sendo assim, o objeto foi deixado em cima da mesa. Em seguida, Paola Carosella pegou o mesmo objeto e fez o mesmo movimento que Fernando, neste instante Helton, repetiu a ação e fala da terapeuta, pegando o objeto da mão de Paola, dizendo “*Não pode, senão vai se cortar*” e deu o objeto para a terapeuta que estava ao lado, entre ele e o seu irmão Fogaça.



Fotografia II-Oficina de Pizza

Em todo processo, percebeu-se a autonomia de Fogaça, mas ficou evidente que Helton, ao se separar do irmão para realizar a atividade, trouxe para si a capacidade de tomadas de decisões, sem ter que esperar que o irmão desse o comando, comportamento esse, que não acontece nos atendimentos individuais. Os hábitos são associados à vida do dia a dia, são únicos para cada sujeito, são mecanismos para que as pessoas se acostumem há

efetuar todo dia o necessário e o desejado de maneira eficiente. A rotina e os hábitos são entendidos como característicos da cotidianidade e introduzem certa sucessão nas atividades da vida cotidiana (BENETTON; TEDESCO; FERRARI, 2003). Contudo, entende-se que ao se separarem, ambos os irmãos tiveram que pensar em diferentes estratégias para solucionar os problemas que surgiram. Ainda assim tiveram cuidado um com o outro a distância e agiram sozinhos durante as atividades., auxiliando na percepção da terapeuta o que pode mudar a estratégia dos seus atendimentos.

3.1.9 Episódio 9: Apressado come cru

Frustrar-se é uma ação necessária, no qual todos passam. É uma resposta para quando as expectativas desenvolvidas não se concretizam ou somos privados de algum tipo de satisfação. Para aqueles que estão no começo da vida e ainda têm muito a entender sobre o mundo e sobre o funcionamento da sociedade, é uma emoção difícil de gerenciar (BORGES, p.2, 2019). Por essa razão que os jovens experimentam transformações e sensações que requerem um olhar mais paciente da família. Desde infância a falta de paciência é uma característica peculiar, pois ainda estão em desenvolvimento, por isso o papel dos pais para criar estratégias nessa condução são primordiais para que os adolescentes aprendam melhor a lidar com expectativas e frustrações, se tornando adultos mais saudáveis e tolerantes. Desta forma compreende-se que a adolescência transita por esses altos e baixos, que oscila de momentos de birra para uma pré-maturidade, exatamente por ele estar se construindo e elaborando sua personalidade, de acordo com suas experiências, testando não somente as pessoas ao seu redor, mas principalmente a si mesmo. Durante a montagem das pizzas, Jacquin, se mostrou impaciente e ansioso para degustar as pizzas, em especial a de frango: *“A pizza de frango é só minha”* (diário de campo). Fabio então o questionou: *“Mas você vai comer as outras também, então a gente também vai comer a sua”* sendo reforçado pela terapeuta de que a pizza era para ser dividida entre todos.

Jacquin, com toda sua ansiedade expressa, trouxe momentos de irritação e frustração por sua pizza de frango não ter sido a primeira a sair, dizendo frases como *“Caramba! Que lerdeza, essa pizza de frango não sai não?”*, *“Vocês não sabem fazer pizza, não?”*, *“Cadê minha pizza?”*, *“Quando minha pizza sair ninguém vai comer só eu”*, *“que demora”*. Foi percebido a necessidade do adolescente em ser o primeiro, e não conseguir lidar com a espera. Como estratégia pensada, baseou-se em deixar a pizza de

frango por último, trazendo apontamentos de que é necessário saber lidar com as suas frustrações e esperar a sua vez respeitando todos à sua volta.



Fotografaii III-Laboratório de culinária

A impaciência acaba se tornando uma junção de muitas situações ou responsabilidade que o adolescente já precisa começar a corresponder, tais como: cobranças dos pais, atividades escolares, projetos para a vida adulta que incluem saber a profissão a seguir e se estará apto para isso, divergências entre amigos, desconstrução e construção de um novo corpo que acabam recebendo influência direta de hormônios. Acarretando em mais um fator que contribui para que o jovem não consiga administrar de forma assertiva tudo que sente e como deva resolver as situações que lhe são colocadas. O futuro é percebido como um conjunto de possibilidades que precisam ser realizadas logo, pois o tempo pode não ser suficiente para realizá-las. Isso explica, de alguma forma, o movimento pendular do adolescente entre a urgência e a procrastinação, entre o “fazer logo” e o “deixar para depois” (OLIVEIRA, 2017, p.287). As vivências em grupo proporcionaram esse limiar de frustração, estando relacionada necessariamente ao fazer, à ação humana e a prática, promovendo aprendizagem e experimentação compartilhada. Entende-se que as vivências em grupo não devem possuir o sentido de causar apenas ocupação e entretenimento, mas sim de serem as grandes promotoras da inserção social, por meio de ações que podem envolver o trabalho, a criação de produtos, a geração de renda e principalmente de estimular e retomar a autonomia do sujeito (GUAZELLI, p.8, 2016).

4 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como finalidade analisar através do olhar da Terapia Ocupacional e da Psicologia a importância de vivências em grupo no trabalho com

adolescentes em um centro de referência de atendimento. Percebemos que ambas contribuíram no resgate e elaboração do desempenho ocupacional dos adolescentes, empoderamento, construções, auxiliando esses adolescentes a realizar as atividades de maneira mais dinâmica e satisfatória. Foi um gatilho para externalizar sentimentos através do dialogo e empatia do grupo.

Os grupos também auxiliaram no planejamento, organização e concentração, favorecendo suas AVD's, AIVD's e AVP's, desencadeando criatividade, motivação, autonomia, iniciativa dos mesmos e melhora da autoestima. Nesse espaço lúdico e de troca, aonde o grupo se torna referência de apoio e identificação, eles puderam verificar as diferentes características de cada um, como grupo, potencializando habilidades e segurança.

Assim, concluímos que de acordo com as características inerentes da adolescência, as vivências em grupo foram uma forma de fortalecer o campo intrapessoal e estruturar o cotidiano e a rotina dos jovens, proporcionando trocas e experiências que colaborando com a empatia e colaboratividade dentro dos encontros. Ratificando que este trabalho só foi possível, devido o apoio e a importância da equipe multiprofissional que compõem esse espaço, onde se constroem novos olhares e fortalecimento da interlocução entre esses profissionais para que assim seja possível contribuir cada vez mais para a promoção da saúde destes adolescentes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. F.; VIANA, A. F. S.; ALVES, A. C.; BALDUINO, T. B.; NAPOLI, F. **Consequências sociais da superproteção parental em adolescentes.** Rev. Trab. Acad. V.2, n.1, Belo Horizonte, 2016.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala da aula.** Ed. Papirus, Campinas, SP, 2012.
- ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; SILVA, C. M. F. P.; MALAQUIAS, J. V.; SANTOS, N. C.; OLIVEIRA, R. V. C. **A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção de saúde.** Cien. Saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p 669-680, 2003.
- AUGUSTO, M. A. P. C.; CHACON, M. C. M. **Diferentes enfoques das relações familiares: superproteção e abandono.** VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. Londrina, p. 1316-1327, 2011.
- AZEVEDO, D. M.; MIRANDA, F. A. N. **Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares.** Esc. Anna Nery, Rio Grande do Norte, v. 15, n. 2, p. 339-345, 2011.
- AZEVEDO, M. R. D. Desenvolvimento psicossocial na adolescência. In: CRESPI, J.; REATO, L. F. N. **Hebiatria: medicina do saber.** 1 ed., São Paulo: Roca, p. 86-88, 2007.
- AZEVEDO, M. R. D.; MELLO, V. M. R. M. **Trabalhando em grupo com adolescentes: um guia prático para o dia-a-dia.** São Paulo: Atheneu, 2009.
- BARBIERI, M. C.; BROECKMAN, G. V. D. Z.; SOUZA, R. O. D.; LIMA, R. A. G.; WERNET, M.; DUPAS, G. **Rede de suporte da família da criança e do adolescente com deficiência visual: potencialidades e fragilidades.** Cien. Saud. Colet. V.21, n.10, São Paulo, 2016.
- BENETTON, Q. M.; MARCOLINO, T. Q. **As atividades no Método Terapia Ocupacional Dinamica,** Cad. Ter. Ocup. UFSCar, v.21, n.3, 2013.
- BRETAS, J. R. S.; MORENO, R. S.; EUGENIO, D. S.; SALA, C. P.; VIEIRA, T. F.; BRUNO, P. R. **Os rituais de passagem segundo adolescentes.** Acta. Paul. Enf. São Paulo, v.21, n.3, 2008.
- CAIANA, N. L. NOGUEIRA, D. L.; LIMA, A. C. D. **A realidade virtual e seu uso como recurso terapêutico ocupacional: revisão integrativa,** Cad. Ter. Ocup. UFSCar, v.24, n.3, 2016.
- COSTA, R. F.; ZEITOUNE, R. C. G.; QUEIROZ, M. V. O.; GARCIA, C. I. G.; GARCIA, M. J. R. **Redes de apoio ao adolescente no contexto do cuidado à saúde: interface entre saúde, família e educação.** Ver. Esc. Enf. V.49, n.5, São Paulo, 2015.
- CRESPI, J. Adolescência, puberdade e juventude: alguns conceitos. In: CRESPI, J.; REATO, L. F. N. **Hebiatria: medicina do saber.** 1 ed., São Paulo: Roca, p.10, 2007.

DOMINGOS, B.; MALUF, M. R. **Experiências de perda e luto em adolescentes de 13 a 18 anos.** *Psico. Reflex. Crit.* V.16, n.3, 2003.

EL-KHATIB, V.; BRAGATTO, S. C. O. **O estatuto da criança e do adolescente: perspectivas de intervenção da terapia ocupacional com a criança e o adolescente em situação de risco pessoal e social.** *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, v. 8, n. 1, 2000.

FERRARI, J. S. **Papel dos pais na educação: a dimensão emocional da formação.** *Brasil Escola*, 2019. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/papel-dos-pais-na-educacao.htm>.

FERREIRA, J. E. S.; SOUZA, L. C.; RODRIGUES, R. C. P. A.; MARTINS-MONTEVERDE, C. M. S. **A atuação do terapeuta ocupacional com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: uma revisão da literatura.** *Ling. Acad. Batatais*, v. 7, n. 7, p. 21-36, 2017.

FERREIRA, T. H. S.; FARIAS, M. A. **Adolescência através dos séculos.** *Psic. Teor. e Pesq. Brasília*, v. 10, n. 2, p. 227-234, 2010.

GUIMARÃES, S.; GUAZELLI, C. G. **Oficinas Terapêuticas: Formas de cuidado em Saúde Mental na Atenção Básica.** 2016. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Saionara-Guimar%C3%A3es.pdf>

HACK, S.M.P.K.; RAMIRES, V.R.R. **A adolescência e o divórcio parental: continuidades e rupturas dos relacionamentos,** *Psico. Clin. Rio de Janeiro*, v.22, n.1, 2010.

JUNIOR, C. A. P. **Sobre o corpo-afeto em Espinosa e Winnicott.** *Rev. EPOS, Rio de Janeiro*, V. 4, N°2, Dez. 2013.

LEPRE, R. M. **Adolescência e construção da identidade.** *Pedagogia online*, v.01, p01-09, 2003.

LOPES, R. E.; LEÃO, A. **Terapeutas ocupacionais e os Centros de Convivência e Cooperativa: novas ações de saúde.** *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.13, n.2, p.56-63, 2002.

MARQUES, M. R. **Afeto e Sensorialidade no pensamento de B. Espinosa, S. Freud e D. W. Winnicott.** PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012.

MONTREZOR, J. B. **A Terapia Ocupacional na prática de grupos e oficinas terapêuticas com pacientes de saúde mental.** *Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos*, v. 21, n. 3, p. 529-536, 2013.

MOTTA, M. M. A. **O luto em adolescentes pela morte do pai: Risco e prevenção para a saúde mental.** *Inst. Psico. São Paulo*, 2008.

OLIVEIRA, E. S. G. **Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação.** Educ. Rev. Rio de Janeiro, n.64, 2017.

OLIVEIRA, I. G. **A relação terapeuta-cliente: Na perspectiva do cliente,** Trabalho de conclusão de curso, 2013. Disponível em: https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/2237/1/DM_IndiaraOliveira_2013.pdf.

SILVA, M. A. I.; MELLO, D. F.; CARLOS, D. M. **O adolescente enquanto protagonista em atividades de educação em saúde no espaço escolar.** Rev. Cleti. Enf. V.12, n.10, 2010.

SOUZA, R. P. Queixas psicossomáticas. In: CRESPI, J.; REATO, L. F. N. **Hebiatria: medicina do saber.** 1 ed., São Paulo: Roca, p.294-295, 2007.

ZIMERMAN, D. E. **Grupos com crianças, púberes, adolescentes, casais, famílias, psicossomáticos, psicóticos e depressivos.** In: Fundamentos básicos das grupoterapias. 2 ed., Porto Alegre: Artmed, p. 214, 2000.

ZIMERMAN, D. E. **Campo Grupal: ansiedades, defesas, identificações.** In: Fundamentos Básicos das Grupoterapias. 2ed. São Paulo: ARTMED, 2000. Cap. 11, p.117-123.